

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

D.M II



ILHAS

Ilhas

13 - 23 jan 2022
qua – sáb, 19h
dom, 16h

Sala Garrett
M/12

duração
1h20

criação
Teatro Meridional

encenação e desenho de luz
Miguel Seabra

com
Ana Santos,
David Medeiros,
Emanuel Arada,
Joana de Verona,
Miguel Damião,
Rosinda Costa

dramaturgia
Natália Luiza

espaço cénico e figurinos
Hugo F. Matos

música original e espaço sonoro
Fernando Mota

assistência de encenação e direção de cena
Filipa Melo

assistência de cenografia e direção de cena
Marco Fonseca

documentário-vídeo e fotografia
Ricardo Reis

atelier Taiji Qigong
Pedro Rodrigues

direção de produção
Rita Conduto

produção executiva
Susana Monteiro,
Rita Mendes

direção artística Teatro Meridional
Miguel Seabra,
Natália Luiza

produção

Teatro Meridional

coprodução

Teatro Nacional D. Maria II,

Teatro Micaelense

apoios

Governo dos Açores (Direção Regional
da Cultura e Direção Regional do Turismo),
Câmara Municipal de Ponta Delgada,
Câmara Municipal de Angra do Heroísmo,
Arquipélago – Centro de Artes
Contemporâneas,
Wayzor – rent a car

agradecimentos

Carlos Rodrigues, Cláudia Varejão,
Gaëlle Marques, Gonçalo Tocha, Guido
Teles, João Mourão, Lúcia Moniz, Luís Gil
Bettencourt, Manuel Costa, Regina Matos,
Sophie Barbara, Teresa Serra Nunes

O Teatro Meridional é uma estrutura financiada
pela República Portuguesa – Cultura /
DGArtes e apoiada pela Câmara Municipal
de Lisboa e Junta de Freguesia de Marvila.

Espectáculo estreado a 10 de dezembro de 2021,
no Teatro Micaelense (Açores)

equipa TNDM II

direção de cena

Pedro Leite

operação de luz

Filipe Quaresma

assistência à operação de som

João Diogo Pratas,

Rui Pedro Antunes

maquinaria

Jorge Aguiar

auxiliar de camarim

Carla Torres

produção executiva

Andreia Bento,

Joana Costa Santos

Conversa com artistas após o espetáculo

16 jan

Sessão com interpretação em Língua Gestual Portuguesa

16 jan

Sessão com Audiodescrição

23 jan

**E ser-se ilhéu é ser assim,
Sentir fervilhar o magma incandescente,
Vibrar ao som dos vulcões adormecidos,
Sonhar com mundos desconhecidos,
Escondidos no horizonte eternamente,
E ter esta tristeza sem fim...
E é amar a terra odiada,
Voar nas asas do sonho,
E adormecer a ouvir o mar...**

Lurdes Branco, 2019







É UM ESPETÁCULO SEM PALAVRAS, MAS TEM MUITOS TEXTOS NOS CORPOS

CONVERSA COM MIGUEL SEABRA E NATÁLIA LUIZA

Os Açores, o território protagonista deste espetáculo, integrou o projeto Províncias desde o início, em 2004, creio. Como foi o caminho até este Ilhas e, para ficar claro, quais são as premissas deste projeto, muito singular no trabalho do Teatro Meridional?

Miguel Seabra [MS]: Em 2003, a Madalena Victorino e o Giacomo Scalisi desafiaram o Teatro Meridional a pensar um projeto para o Festival Percursos [Percursos — Festival Europeu de Artes de Espetáculo para o Público Jovem], um festival intercidades que tinha polos em Coimbra, Viseu e Évora. Decidimos que seria eu a encenar este espetáculo e escolhi Évora porque o Alentejo é um universo que sempre me estimulou muito. Senti que era uma boa oportunidade para criarmos um espetáculo sobre uma temática que estava na gaveta há algum tempo: trabalhar a partir de uma realidade local com um olhar que, apesar de ser sempre um ‘olhar estrangeiro’, um olhar de fora, é um olhar para a realidade cultural, antropológica, política, social e histórica de uma região portuguesa. E fazer um espetáculo em que a palavra não fosse a principal forma de comunicação cénica. E porquê? Porque gosto de trabalhar também o movimento significativo — não é dança porque a dança tem uma relação diferente com a emoção, na dança muitas vezes encontramos primeiro o movimento e a técnica, e a emoção vem depois, e entendo que no teatro se passa o contrário, precisamente. E também gostava que houvesse nesse movimento significativo uma emoção poética subjacente, suportada por uma paisagem sonora permanente. E, portanto, foram estes três eixos que nortearam esse primeiro projeto: não haver palavra como principal forma de comunicação cénica, o espetáculo ser edificado através de improvisações temáticas direcionadas que pudessem sugerir sensações emocionais, e uma paisagem sonora permanente — que nos primeiros três espetáculos foi de acompanhamento ao vivo e nos dois últimos anos gravada. E, com a Natália, pensámos que deste conceito poderia nascer um projeto no percurso do Meridional, com este perfil, este filtro de linguagem. Em seguida pensei numa trilogia: Alentejo, Trás-os-Montes e Açores que é um triângulo muito forte da identidade portuguesa, tal como eu a entendo.

Aconteceram quatro espetáculos com essa identidade ao longo deste anos [Para Além do Tejo (2004), Por Detrás dos Montes (2006), Por Causa Da Muralha, Nem Sempre Se Consegue Ver a Lua (2012) e Ca_Minho (2019)], mas os Açores tiveram de esperar.

MS: Os Açores tiveram de esperar porque, entretanto, aconteceram outro tipo de desafios criativos, e porque este projeto requer apoios mais significativos tanto a nível logístico como financeiro. As criações do *Projeto Províncias* estão sempre associadas a residências artísticas para os atores e os artistas apreenderem com mais significado a vivência local, conviverem com as pessoas e estar e respirar e sentir o cheiro e a temperatura e as cores e as sensações e a comida e as músicas! E eu, num primeiro momento, falei ao Alexandre Pascoal, diretor do Teatro Micaelense, em Ponta Delgada, que aderiu incondicionalmente a esta proposta e, depois, em conversa com o Tiago Rodrigues ele interessou-se também por este projeto, e foi assim que o espetáculo *Ilhas* aconteceu.

Nessa apreensão com os sentidos todos, de que falas, a Natália é uma espécie de ponta de lança. É ela que vai à frente na inspiração do território.

Natália Luiza [NL]: Na escolha do ponto de vista, sim, de contagem da história. E sempre em articulação prévia com o Miguel. Em 2003, quando este projeto surge e o Miguel o torna matéria de tratamento cénico, o espetáculo [*Para Além do Tejo*, 2004] prendia-se com a procura de uma identidade relacionada com uma região específica, e eu fiz uma profunda pesquisa histórica, geográfica, sociológica, cultural, enfim, onde compilei vários dados que ajudaram a caracterizar a todos os níveis a região do Alentejo. De 2003 a 2021 passaram 18 anos e em 18 anos a vida mudou profundamente. Ora, em 18 anos o mundo mudou tanto que essa informação está facilmente disponível no Google e toda a gente tem inscrita no telemóvel a possibilidade de tirar uma fotografia ou obter a informação que quiser... Hoje eu posso saber tudo sobre os Açores menos a alma das coisas. E se, desde sempre, estes projetos têm [inscrita] a procura de um sentido identitário ou pulsante, mais do que nunca nós sentimos necessidade, e nos Açores de forma particular, de procurar a alma das coisas, a poética das coisas — se é que isto é suscetível de pôr na cena. Aqui, mais do que a construção racional de um determinado encadeado de situações, o que se pretendeu foi escolher o que tratar de uma maneira que as pessoas cheguem lá por outros mecanismos que não o da fotografia, o de dizer o que já está dito ou é suscetível de ser encontrado numa página descritiva dos Açores. Como é que se procuram as coisas que se sentem sem se narrarem? Como é não ser um espetáculo narrativo — nos Açores as pessoas vivem da agricultura, vivem da pesca, as pessoas são religiosas — apesar de estar lá tudo isso, ou

estarem as características das pessoas e da forma como se vive, mas sem que isso seja sublinhado ou seja narrativa? O que é esta sensação, que não se diz, da insularidade, o que é que é esta solidão de ver o mar à volta, o que é encontrar um território, por baixo dos nossos pés, que é pulsante e que se mexe? O que é o vulcão dentro de nós e fora de nós? E isto dá ao espetáculo, dá à cena, uma dimensão telúrica... E é muito menos suscetível de ser tratado na palavra e muito menos dizível, mas traz a este espetáculo uma vibração que tem a ver com as lendas, porque o que fica de uma lenda é sempre aquilo que permanece em nós e que continua ligado ao imaginário de um território. Portanto, este espetáculo foi construído na poética e na relação das lendas produzidas e que hoje são ainda a narração oral destas populações. Há 18 anos creio que o faríamos de outra maneira, hoje, muitos projetos depois e num mundo em que 10 pessoas vão ver um sítio e as 10 tiram fotografias ao sítio e tudo está à mão, a questão é como é que se transcende [tudo isto] e como é que a arte consegue falar das coisas sem ser de uma forma documental e narrativa. É este o nosso pressuposto neste espetáculo.

Depois desse levantamento a matéria é trabalhada com os atores numa residência, outra forma de a tornar pulsante, creio.

NL: Sobretudo no ensaio há esse mergulho, essa imersão em determinados pressupostos, essa contaminação das pessoas... Porque há um lado no nosso trabalho e no trabalho de pesquisa que implica ir para os lugares e sentir apenas, deixarmo-nos tocar pelas coisas, pelo cheiro das coisas, ser um trabalho profundamente sensorial para que depois essa evocação no corpo, no sentido da improvisação, esteja presente necessariamente, porque isso fez parte da experiência de cada ator. Depois, o trabalho da escolha das coisas que se dizem e se fazem na cena — porque depois há um trabalho necessariamente formal, de dar forma e sequência à cena — obedece a um processo mais racional. Mas num primeiro momento, a ida dos atores, o experienciar, passa por se ser tocado sem demasiados pressupostos prévios. O que é que aquela paisagem me diz? Porque os Açores é uma terra muito forte mesmo, é uma terra que tem uma dimensão no corpo muito forte! Eu tenho com os Açores uma relação muito particular, aquele território parece que fala com as pessoas...

É um território ao mesmo tempo muito encantatório e de grande risco, não é? A relação com aquela terra é ao mesmo tempo um combate e um abraço, algo que me parece estar muito presente no espetáculo.

MS: É uma lógica de extremos, extremada. A natureza é muito mais forte que o homem! Não é por acaso que há as quatro estações no mesmo dia... e é uma terra vulcânica! O vinho do Pico, por exemplo: o Pico é uma ilha essencialmente rochosa e o vinho do Pico — que é Património Mundial — foi desenvolvido através de furos na rocha e com terra trazida do Faial! É incrível, não é? Os cultivos são em pequenas áreas muradas para que a maresia, o vento do mar, não afete o crescimento da vinha.

E todas essas coisas são lançadas aos atores.

MS: Há uma lógica subjacente, aqui, que é da permeabilidade. É como se tu entrasses pelo mar dentro com sapatos e as calças vão ficando cada vez mais molhadas até que te molhas todo. Cada um de nós é um ser único, tem um percurso de vida, tem uma determinada experiência de vivências múltiplas... E eu não sei por que coisas boas e coisas menos boas os atores passaram no último mês, no último ano, nos últimos dez anos, e essa é a história dos atores. E, portanto, quando dizemos querer deixar as pessoas sentir, elas têm de aportar a especificidade única da sua própria identidade, mas com as influências que lhes queremos colocar. Ou seja, dentro de um projeto concebido pelo Meridional que tem duas cabeças criativas a trabalharem para o objeto — a Natália faz um levantamento, um mapeamento da região em diversos níveis e camadas e, depois, eu, com a pessoa que sou no momento, trabalho esse material artisticamente. A Natália propõe um puzzle com 100 peças e eu olho e digo ‘estas são muito interessantes’ ou ‘aquelas são interessantes mas não têm espaço no arco criativo que estou a conceber’. Então faço uma escolha orgânica relacionada também com os intérpretes e criativos com quem estou a trabalhar. Depois trabalho dentro do que ficou, e não necessariamente com a ordem que a Natália pensou. A Natália, que me conhece muito bem, faz o levantamento do material com o olhar dela, mas sabe para que encenador está a trabalhar.

NL: Claro! Há muitas vantagens e desvantagens quando se trabalha com as mesmas pessoas ao longo da vida, e uma das grandes vantagens é o conhecimento do perfil artístico do outro e, sobretudo, a capacidade — exatamente para que não se caia naquilo que é óbvio ou no que o outro precisa — de dar outro tipo de alimento para que o processo evolutivo de uma Companhia não aconteça sempre no mesmo lugar. Este projeto nasce com determinadas características e para o primeiro espetáculo lembro-me de ir para bibliotecas, de dossiês e dossiês, de ser muito difícil compilar informação porque ela estava muito menos disponível. Hoje, chegar a um alinhamento narrativo, digamos assim, ou de situações elencáveis no sentido da improvisação, depois, da matéria para os atores trabalharem, foi de outra natureza. A opção foi irmos para outros lugares e isto também é uma forma de nós, enquanto Companhia, não nos mimetizarmos.

E a escolha deste grupo também me parece ter isso em mente: há atores que trabalham convosco pela primeira vez e outros que já conhecem bem o Meridional.

MS: Nós gostamos — e a Natália ainda mais do que eu, porque pessoalmente gosto de trabalhar com atores que conheço e que me conhecem porque a possibilidade de ir mais além e mais fundo nos processos de pesquisa criativa tem outra ordem de qualidade — que haja sempre pessoas novas, respirações novas, ideias novas, energias novas nos grupos, também para eu próprio me poder surpreender. E essas energias novas também surpreenderem os próprios atores que eu já conheço e, portanto, proporcionarem outras reações e outras atitudes. São seis intérpretes — três atores, duas atrizes e uma bailarina — e trabalho regularmente com o Emanuel Arada e com a Rosinda Costa, e com o Miguel Damião também já trabalhei algumas vezes. É a primeira vez que trabalho com

a Joana de Verona e com o David Medeiros – e a ele nunca tinha visto sequer trabalhar. É açoriano e foi um *casting* muito curioso porque estava à procura de uma pessoa que fosse ator, mas que tivesse um bom trabalho de corpo com uma linguagem física muito expressiva.

Como a Joana de Verona, que também vem da dança.

MS: Sim, mas a Joana já a vi atuar em diferentes espetáculos. Tenho empatia com ela – fundamental para se trabalhar – e tem uma prática de trabalho físico e trabalho ao nível da dança e do movimento que se ajustava a esta criação. Mas o David Medeiros só soube dele por dois colegas e amigos cuja opinião prezo muito. E liguei-lhe, tomámos um café e gostei da sua transparência, frontalidade, humildade, espontaneidade, sinceridade... e arrisquei! E estou muito contente por ter feito esta escolha. A Ana Santos é uma bailarina que conheço há muito tempo, somos amigos, gosto da sua sensibilidade, e tenho-a visto atuar em espetáculos de dança. Tenho muita vontade de trabalhar com bailarinos, explorar a energia física de pessoas especialistas em movimento e a Ana é uma cor muito específica e muito bonita dentro deste grupo de intérpretes.

No início do ensaio a que assisti desejaste boa viagem aos atores. Não sei se o fazes sempre, mas pareceu-me muito ajustado para este espetáculo.

MS: O teatro é a arte do momento, do aqui e agora, contém em si mesmo toda a lógica da efemeridade. Embora haja marcação e uma linha que guia todo o espetáculo, contém em si mesmo uma coisa que é muito real e é muito da vida que é a impermanência – não sabes se o colega falha a marcação e se tens de resolver, se alguém do público atende o telemóvel ou sai... E é muito sobre essas premissas que eu trabalho com os atores também, e esse ‘boa viagem’ é no sentido de que sejam felizes, que façam valer cada segundo que estão em palco. Para o público também, mas é uma mensagem diferente. O teatro ontem já passou, amanhã ainda não existe, e portanto é aqui e agora, e é isto que torna diferente e específica e especial a arte do ator. Tens de estar 100% no momento, aqui agora, e isso é muito difícil! Esse é o conceito e a lógica dessa frase quando a digo. Estar em palco é muito delicado, é muito frágil, é muito especial, é muito importante, é muito urgente. Estás muito exposto quando estás em palco, está tudo ali, vê-se o dramaturgo, vê-se o cenógrafo, o figurinista, o iluminador, o encenador, veem-se os atores, está tudo à vista, os artistas e as pessoas! O teatro tem um sentido muito sagrado, religioso – no sentido epistemológico de religar. Tem de haver muita disciplina e muita coragem, como diz o João Mota. E muita entrega, muito despojamento, muito trabalho sobre nós próprios, dos atores e de toda a equipa.

Esse desejo de boa viagem interpretei-o como um convite também ao espetador, no sentido daquilo que dizia a Natália sobre não procurarem um espetáculo narrativo – ‘larguem as amarras e deixem-se ir’.

MS: Desde o princípio desta criação que a Natália e eu estamos afinados de uma forma subliminar, intuitiva, como se soubéssemos onde íamos tocar. Por exemplo, parte dos ensaios e da descoberta das cenas é em modo de improvisação e as improvisações podem ser motivadas de várias formas. Eu gosto muito de trabalhar com poemas haiku, poemas japoneses, que oferecem de uma forma sintética sensações muito radicais. É um *shot* muito forte e eu gosto de trabalhar criativamente utilizando este processo. E a Natália, sabendo isso, no seu trabalho de pesquisa sobre cada ilha, fez um trabalho aturado sobre a poesia de autores açorianos e sobre cada situação relevante dos Açores, e retirou frases que proporcionaram motivos de improvisação temática muito semelhantes a haikus – não é na forma, é na fórmula do haiku. Mergulhámos também nas lendas das ilhas, os atores passaram necessariamente por essa escuta e as lendas constituíram importante material de improvisação também.

NL: Há uma coisa muito importante sobre o nosso ponto de vista relativamente a estes espetáculos: nós quando falamos destas regiões colocamo-nos sempre como quem observa o lugar, mas que não tem a veleidade de tomar posse da sua identidade, é sempre o olhar de quem vê de fora com o respeito profundo de saber que é um dentro-fora. Não queremos ser descritivos neste olhar. E embora tenhamos atores que são daquele lugar – o David Medeiros e o Miguel Damião – nenhum de nós habita os Açores durante a vida toda. E não temos a arrogância de dizer ‘eles são assim’. Este é o nosso olhar sobre um território que nos tocou em muitas dimensões e níveis, mas sem esta procura de dizer ‘os Açores são assim’. Não!, nós fomos tocados pelos Açores assim. E queremos falar desse território desta maneira, com esse cuidado, sem arrogância. Isto não é teatro documental, isto é teatro poético. É sermos tocados por aquele universo de pessoas, por coisas daquela geografia, daquele clima, daquela paisagem, das árvores, da bruma, e depois verter tudo isso numa linguagem que toma forma numa cena e no corpo das pessoas. E a questão é o que é que escolhemos de significativo para colocar na cena. E é muito engraçado este percurso através de um projeto que vai ganhando formas e intenções porque a própria vida muda e nós mudamos com ela. Hoje temos a Pordata a dizer-nos exatamente quantas pessoas existem por ilha ou o que é que cada uma faz, esses índices nós temos todos. Agora, o que é que está para além disso? O grande desafio é a poética da cena neste trabalho conjunto em que o corpo dos atores é esta maneira de contar, com palavras ou sem elas. *Ilhas* é um espetáculo sem palavras, mas tem muitos textos nos corpos.

MS: E tem algumas palavras... O sotaque açoriano é tão forte, tão musical, tão ritmado, tem um pulsar tão específico e uma cor tão bonita que eu quis que ficasse também presente no espetáculo essa sonoridade, essa vibração que de alguma forma é estranha, é do outro, que provoca necessariamente reação no recetor. Entendo, não entendo, não interessa o que entendo... Isto não é um espetáculo de palavra, portanto eu até peço aos atores para não ajudarem o público do ponto de vista da perceção cognitiva, e trabalhem a palavra mais como uma vibração sonora.

Como foi estreiar este espetáculo em São Miguel?

MS: Tivemos das reações mais espantosas que eu alguma vez tive numa estreia, dos próprios açorianos e de pessoas ligadas aos Açores, de pessoas da terra, de pessoas com e sem experiência teatral, nas artes... Eu gosto de quem sente e elabora discurso racional, não é dizer bem ou dizer mal, mas de quem sai do espetáculo com perguntas, que significado é que isto tem, por que é que há pessoas que dedicam a vida a fazer estas coisas, o que é que querem dizer, em suma, o que é que nós, artistas, aportamos à vida das pessoas? E houve um espectador alemão que me disse que, mais do que sobre os Açores, isto era um espetáculo que falava da vida inteira das pessoas, o vai e vem, as partidas, as tensões, a folia e as perdas, a ligação com a natureza e com Deus. E, tudo isto, com um alto grau de imprevisibilidade. Tal como a vida nos Açores.

CONVERSA COM MARIA JOÃO GUARDÃO
A 31 DE DEZEMBRO DE 2021

A SEGUIR

FEMINIST FUTURES FESTIVAL

24 - 29 JAN

AURORA NEGRA

24 - 25 JAN

**DE GLEO DIÁRA, ISABEL ZUAA,
NÁDIA YRACEMA**

TERRA NULLIUS

24 - 29 JAN

DE PAULA DIOGO

**PERMANENT
DESTRUCTION - THE SK
CONCERT**

25 JAN

DE NAOMI VELISSARIOU

HOPELESS.

27 JAN

DE SERGIU MATIS

SAME SAME & DIFFERENT

28 - 29 JAN

DE AGATA MASZKIEWICZ

SPARE TIME WORK

29 JAN

DE BUREN

**E AINDA CONFERÊNCIAS, WORKSHOPS E OUTRAS ATIVIDADES
DE ENTRADA LIVRE, NO ÂMBITO DA FEMINIST SCHOOL**



Co-funded by the
Creative Europe Programme
of the European Union

**FEMINIST
FUTURES**

apap
ADVANCING PERFORMING ARTS PROJECT



© Miguel Seabra

Quem somos

Direção Artística Pedro Penim

Conselho de Administração Cláudia Belchior,
Rui Catarino, Sónia Teixeira

Fiscal Único Amável Calhau & Associados, SROC, Lda. **Adjunto da Direção Artística** Luís Sousa Ferreira **Assessoria Contratação Pública** Rute Presado **Secretariado** Marina Almeida **Ricardo Motorista** David Fernandes

Elenco Residente João Grosso, José Neves, Manuel Coelho, Paula Mora

Elenco Estagiário (ESTC 21 – 22) Ana Isabel Arinto, Catarina Pacheco,
Joana Bernardo, João Jonas, Siobhan Fernandes, Tomás de Almeida

Direção de Produção Carla Ruiz **Produção Executiva** Andreia Bento,
Pedro Pestana, Pedro Pires, Rita Forjaz

Direção de Cena André Pato **Diretoras/es de Cena** Andreia Mayer,
Carlos Freitas, Catarina Mendes, Diana Almeida, Isabel Inácio, Pedro
Leite, Sara Cipriano e Miguel Cruz Mendes (estagiário) **Pontos** Cristina
Vidal, João Coelho **Guarda-roupa** Aldina Jesus (coord.), Ana Teixeira,
João Pinto, Sílvia Galinha **Auxiliares de Camarim** Carla Torres, Paula
Miranda **Assistente Direções de Cena e Técnica** Sara Villas

Direção Técnica Rui Simão **Coordenação Técnica** Daniel Varela
Maquinaria e Mecânica de Cena Frederico Godinho (coord.), Jorge Aguiar,
Lindomar Costa, Marco Ribeiro, Miguel Carreto, Paulo Brito, Reginaldo
Silva **Iluminação** Feliciano Branco (coord.), Gonçalo Morais, Luís Lopes,
Pedro Alves, Rita Sousa **Som/Audiovisual** Pedro Costa (coord.), André
Dinis Carrilho, João Neves, João Pratas, Margarida Pinto, Reinaldo
Gonçalves, Rodrigo Gil, Rui Antunes, Tiago Alves **Motorista** Carlos Luís

Direção de Comunicação e Marketing João Pedro Amaral **Assessoria
de Imprensa** Élia Teixeira **Digital** Catarina Freire, Joana Bonifácio **Edição
de Conteúdos** Tiago Mansilha **Secretariado** Paula Martins

Direção Administrativa e Financeira Luís Cá **Controlo de Gestão** Diogo
Pinto **Contabilidade** Carolina Lemos, Dinis Rodrigues, Susana Cerqueira
Compras Eulália Ribeiro **Tesouraria** Sofia Ventura

Recursos Humanos Verónica Bicho (coord.), Lélia Calado,
Madalena Domingues

Direção de Manutenção Susana Dias **Coordenação de
Manutenção** Albertina Patrício **Manutenção Geral** Raul Rebelo (coord.),
Carlos Henriques, Eduardo Chumbinho, Tiago Trindade **Informática** Nuno
Viana **Limpeza** Ana Paula Costa, Luzia Mesquita

Direção de Relações Externas e Frente de Casa Ana Ascensão
Parcerias, Desenvolvimento e Fundraising Ana Pinto Gonçalves **Projetos
de Continuidade** Carolina Villaverde Rosado, Mariana Gomes **Avaliação e
Monitorização** Patrícia Santos **Bilheteira** Rui Jorge (coord.), Carla Cerejo,
Sandra Madeira **Receção** Paula Leal

Direção de Documentação e Património Cristina Faria **Acervo** Celeste
Peixoto, Rita Carpinha **Biblioteca/Arquivo** Catarina Pereira, Ricardo
Cabaça, Vera Azevedo **Projeto Rossio** Beatriz Areias, Filomena Chiaradia,
João Pedro Santos
Livraria Maria Sousa

